

## CATOLICISMO POPULAR E DEVOÇÃO EM JUAZEIRO DO NORTE: ENTRE A COLONIZAÇÃO, O SINCRETISMO E O LEGADO DO PADRE CÍCERO

Liwerthon Bruno Pereira de Oliveira<sup>1</sup>

### Resumo

O presente estudo tem como objetivo analisar a formação do catolicismo popular brasileiro e a relevância de Padre Cícero Romão Batista no que toca a fé nordestina. Para tal, utilizaremos o método histórico-descritivo para compreendermos o sincretismo religioso presente nas formas diversas de vivenciar a fé. No Nordeste, a fé se desenvolveu em torno de líderes leigos, conhecidos popularmente como beatos; e o próprio Padre Cícero, cuja linguagem simples ajudou na aproximação da fé católica ao povo. Conclui-se, portanto, que seu legado reforça a identidade religiosa nordestina e permanece vivo nas romarias e devoções populares.

**Palavras-chave:** Padre Cícero Romão Batista. Catolicismo popular. Devoção popular.

### 1 INTRODUÇÃO

A religiosidade popular brasileira constitui um dos elementos mais ricos e complexos da formação cultural do país, resultado do diálogo e convivência da pluralidade religiosa e espiritual que, desde o evento conhecido como descoberta do país, empreendida por conquistadores europeus, mesclaram seus elementos de culto e crença com os povos africanos, com os indígenas que aqui já residiam e com o catolicismo tradicional trazido das terras lusitanas. Por isso, desde o período colonial, o catolicismo praticado em terras brasileiras, foi se moldando à realidade

<sup>1</sup> Mestrando do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) e bolsista CAPES. Graduado em filosofia pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) e em Teologia pelo Studium Theologicum (Claretianos) de Curitiba. E-mail: liwerthonoliveira@gmail.com

local, absolvendo uns e outros costumes dos povos, resultando em um modo particular de vivenciar o sagrado.

Essa pluralidade de povos e culturas resultará no que conhecemos como catolicismo popular, trazendo consigo traços também do sincretismo, que ainda hoje é visto com maus olhos por muitos estudiosos que “parecem ver o sincretismo como fenômeno de decadência religiosa ou pelo menos de marginalização religiosa” (Hoonaert, 1974, p. 24). Deixando de lado, assim, a complexidade de fenômenos culturais e sociológicos, pensando a religião quase como algo fora do cotidiano.

No Nordeste brasileiro, o catolicismo vivido pela massa menos favorecida, muitas vezes analfabeta e sem a figura do sacerdote para guiar as celebrações litúrgicas e administrar os sacramentos, faz com que emergisse em seu meio figuras emblemáticas em cada comunidade, quase como um substituto do ministro ordenado católico. Dessa realidade, destaca-se o Padre Cícero Romão Batista, o Padim Ciço, cuja trajetória espiritual e pastoral, respeitando a forma de crer e rezar do povo, transformou um pequeno povoado em uma cidade e no segundo maior centro de peregrinações nacional.

A fim de compreendermos melhor a devoção crescente ao Padre Cícero, implica voltar os olhos para o processo histórico que moldou, e molda, a religiosidade brasileira. Desse modo, este estudo busca analisar brevemente a formação do catolicismo popular brasileiro para entender como o patriarca do Nordeste se tornou uma figura central na construção da identidade do povo sertanejo. Por fim, a investigação pretende evidenciar como a sua figura e ensinamentos continuam vivo na memória popular dos romeiros, apesar de quase cem anos de sua morte.

## 2 O CATOLICISMO BRASILEIRO E O SINCRETISMO RELIGIOSO

A fim de compreendermos melhor o processo pelo qual a religião Católica Apostólica Romana passou no país, faz-se necessário voltar os olhos para as origens do processo histórico brasileiro, de modo a delinear o

panorama da religiosidade e as dinâmicas de interação entre distintas crenças e práticas. Essas confluências configuraram-se de maneira tão inerente que se revelam praticamente inviável compreender o catolicismo no Brasil sem considerar os elementos que, ao longo do tempo, foram incorporados nas práticas religiosas católicas e ganharam a designação de “catolicismo popular”.

Com a chegada de Cristóvão Colombo à América, em 1492, os reinos de Portugal e Espanha reivindicam o direito de exploração das novas terras “descobertas e por descobrir”, o chamado “Novo Mundo”. Diante desse cenário, o papa Alexandre VI emitiu uma bula intitulada *Inter Coetera* com o intuito de evitar conflitos entre as coroas. O reino lusitano, insatisfeito com a divisão feita pelo papa, negociou diretamente com a Espanha, resultando no Tratado de Tordesilhas.

A partir de então, nasce oficialmente o Brasil, por meio de um processo de exploração que ficou conhecido como “descoberta”, feita por exploradores europeus vindos das terras portuguesas, com o intuito de levar a outros continentes seus moldes culturais, sua forma de viver a fé católica e explorar aquele lugar que era visto como terras “incultas” ou “incivilizadas”.

Entretanto, os povos nativos dessas “terras tupiniquins”, já cultuavam suas divindades e tinham seus ritos celebrativos. O catolicismo português que aqui chegava, já trazia consigo traços sincréticos, expressos, entre outros aspectos, na intensa devoção aos santos, aos quais muitas vezes eram atribuídas relações ou correspondências com forças da natureza. Macedo destaca a ênfase dada às procissões religiosas, mais que às missas, vivendo, assim, um catolicismo mais afeito às imagens que ao espiritual (Macedo, 2008, p.1).

Juntamente com os colonizadores, chegaram também povos do continente africano, pertencentes a diversas etnias, trazidos privados do direito à liberdade, para aqui serem escravizados. Os povos africanos apesar de chegarem como cristãos de forma forçada, recebendo o batismo e um nome também cristão, continuavam com suas práticas religiosas, ainda que

de modo oculto. Em cada região da África, há uma maneira plural e específica de manifestação da fé, uma vez que não há apenas uma forma de vivenciá-la — ela varia de acordo com o contexto cultural e geográfico (Carneiro, 1977. p. 13-15).

Tendo presente essas confluências de crenças, credos e tradições religiosas, se desdobrará nas terras brasileiras o fenômeno que ficou conhecido como catolicismo popular, que por vezes, misturam elementos do sincretismo. Segundo Hoonaert, “o sincretismo é exigência da missão. Enviado os apóstolos a judeus e pagãos, Jesus de Nazaré os obrigou a enfrentar as mais diversas culturas” (Hoonaert, 1974, p. 23). Nascendo do impulso missionário do fundador do catolicismo, o sincretismo reflete a expansão e adaptação da fé cristã em diferentes culturas.

Durante o período colonial, forma-se no Brasil um catolicismo distante do europeu oficial, correspondendo a pluralidade de povos e culturas que aqui viviam e chegavam. É como se não houvesse um distanciamento entre a vida cotidiana celebrada com fogos, cantos, danças e festas, para as procissões, novenas e a vida religiosa.

### **3 PADRE CÍCERO ROMÃO E O CATOLICISMO POPULAR**

Ao falarmos sobre a cidade de Juazeiro do Norte, no Estado do Ceará, torna-se inevitável remeter à figura de Padre Cícero Romão Batista, reconhecido como o patriarca do Nordeste. A cidade é marcada por múltiplas referências à sua memória, evidenciando a centralidade de sua presença no imaginário coletivo. Seu nome e sua imagem estampam praças, ruas, residências e estabelecimento comerciais, além de permanecer constantemente na oralidade popular, onde comumente é mencionado com o apelido afetuoso de “padrinho Ciço”.

Com a carência de padres para dispensar os sacramentos, caso que pode ser datado desde o período colonial, a vida religiosa desenvolvia-se ao redor dos “conselheiros”, “beatos” e “beatas”, figuras centrais para a vida de fé do povo sertanejo. Esses homens e mulheres (sendo majoritariamente

mulheres) presidiam as orações comunitárias, os terços, novenas e passava à noite nos velórios, cantando os deprecatórios e benditos, em sufrágio das almas.

Com a Proclamação da República em 1889, as Ordens Religiosas estrangeiras começam a enviar um maior número de sacerdotes missionários para o Brasil. Daí nasce as chamadas “santas missões populares”, sobretudo pelos frades capuchinhos franceses e italianos. Todavia, mesmo com os esforços para implementar um catolicismo romanizado no sertão do Nordeste, o povo dava mais ouvidos as orientações vindas dos beatos. Eduardo Hoornaert, no intuito de entender a mentalidade do povo sertanejo, escreve estas linhas:

[...] o sertanejo nordestino vive imerso num mundo referencial bíblico e cristão, reconhece os símbolos, sabe interpretar as figuras. É herdeiro de uma longa e bonita tradição teológica, sendo ele mesmo teólogo. Teólogo sofrido, de mãos calejadas, mas teólogo. Embora não acostumado ao mundo das letras, produz versos, poesias e textos que não são de forma nenhuma simplórios, mas carregados daquela sabedoria sofrida típica do povo da terra, feita de desencanto, mas também de uma esperança indestrutível. Sertanejo-teólogo, cioso em descobrir o sentido mais profundo das coisas, concentrado em encontrar uma leitura teológica dos fatos que presencia. Não cartesiano no sentido de se operar uma rígida separação entre a racionalidade e a emotividade, entre os conceitos claros e as imagens, entre o experimentado e o sonhado. Mas um curioso das coisas de Deus, atrás do sentido último. Sua teologia é mística e escatológica, espera um tempo bom após tanto sofrimento. Com o dizia Câmara Cascudo: o sertanejo é teólogo “antes, durante e depois dos concílios ecumênicos e dos Santos Padres” (Hoornaert, 1997, p. 63-64).

É inserido nesse contexto que nasce a vocação do Padre Cícero Romão Batista (1844-1934), natural do Crato (CE) e primeiro sacerdote a habitar do povoado de Joazeiro – hoje, Juazeiro do Norte –, aos 28 anos de idade, onde permaneceu até a sua morte em 20 de julho de 1934. Nesse tempo, atuou intensamente junto ao povo, promovendo melhorias no campo civil, com vistas a proporcionar uma maior dignidade para os

moradores da cidade. No campo religioso, incentivava todos que acorriam a ele a permanecerem fiéis a Deus e sua mãe Maria pelas orações, obras de caridade e penitência, mas não esquecendo dos sacramentos e das procissões e atos devocionais.

Sua trajetória foi marcada por fortes tensões entre a hierarquia eclesiástica, sendo investigado pela Congregação do Santo Ofício (conhecida como santa inquisição romana), devido aos episódios controversos do Milagre Eucarístico, ocorridos a partir de 1889, na boca da beata Maria de Araújo, uma mulher negra e pouco letrada. Suspensos de suas atividades sacerdotais, continuou seu trabalho evangelizador, fazendo uso de uma linguagem simples e acessível para os de pouca instrução, acolhendo na cidade à malfeitos arrependidos, a quem oferecia oportunidade de reinserção social.

Ainda em vida, o patriarca do Sertão já tinha fama de santidade por muitos dos seus seguidores e por alguns presbíteros. Braga Neto rememora esse reconhecimento popular ao citar um fragmento da carta do então bispo Dom Joaquim, responsável por sua suspensão eclesiástica: “Pe. Cícero é tido como santo” (Braga, 2007, p. 205). Com o passar dos anos, ao ganhar maior destaque entre os fiéis e “abraçar o lugar de protetor das gentes simples do Sertão, e ter esse lugar reforçado pela aceitação de um sem-número de afilhados ao longo de sua vida e depois, Padre Cícero vira Padrinho Cícero” (Cordeiro, 2010, p.110).

Por ter crescido nesse ambiente religioso e possuir uma compreensão mais sensível do que boa parte do clero formado na Europa – ou segundo os moldes mais rígidas da teologia tomista –, padre Cícero demonstrou respeito pela forma do povo rezar, frequentemente marcada por elementos provenientes de outras tradições religiosas, sobretudo as de matriz africana. Ademais, empenhava-se em comunicar-se de maneira simples e acessível, aproximando-se da linguagem dos fiéis.

Nem mesmo as diversas cartas pastorais feitas pelo então bispo do Ceará, Dom Joaquim José Vieira conseguiram frear as crescentes romarias à

cidade do Juazeiro. Parecia que quanto mais ele escrevia contra o padre Cícero, mais o povo ouvia a voz e os ensinamentos do patriarca do Nordeste, que em nada se desviava da moral e teologia católica. Com a morte do padre Cícero, as romarias não cessaram. Pelo contrário, a cada ano, aumenta-se o número de fiéis que organizam suas caravanas e partem para a “terra santa” do Nordeste, a fim de pagar suas promessas, agradecer por mais uma graça alcançada ou por mais um ano de vida.

Inúmeros são os relatos de milagres pela intercessão do padre Cícero, cujo processo de beatificação segue em andamento. O cenário oficial da igreja mudou: padre Cícero foi reabilitado pelo Papa Francisco, seu processo de Beatificação já concluiu a etapa diocesana e agora segue esperando o aval da Santa Sé. Aquele que era tido como malfazeja, agora é visto como modelo de acolhimento aos mais necessitados e humildes.

Não nos faltam expressões de fé popular durante as romarias do Juazeiro – que atualmente é o segundo lugar de maior peregrinação nacional, ficando atrás apenas do Santuário Nacional de Aparecida. Os romeiros foram criando ritos e rituais nas igrejas, nos pontos turísticos e nos caminhos da cidade, que transbordam em fé e esperança. Como eternizou Luiz Gonzaga na sua canção intitulada “viva meu Padim”, na boca e no coração dos fiéis “Ele está vivo, Padim não tá morto”.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No transcorrer deste breve estudo, buscamos mostrar como a formação de uma religião, ainda que bem estruturada, ganha novos moldes ao chegar em uma nova cultura e ao conviver com outras expressões de fé e questões sociais de cada país. No Brasil, e mais especificamente no Nordeste, destaca-se a religiosidade sertaneja, que, apesar das altas temperaturas e das possíveis dificuldades geográficas, revela um povo conhecido pela forma fervorosa de viver a fé.

Nesse contexto, a figura do Padre Cícero Romão Batista surge como um elo entre a Igreja Católica e o povo simples do sertão. Seu olhar, para

além das estruturas eclesiásticas, buscou proporcionar a todos que a ele recorriam, trabalho justo e dignidade de vida, não abandonando a vida religiosa, mas também não condenado suas práticas populares de viver a ver. O seu legado transcende o campo religioso, tornando-se símbolo cultural e social do Nordeste. Ao estudarmos as expressões de fé do povo nas terras do Juazeiro do Norte, estudamos também a fé do povo nordestino, que persiste em meio às dificuldades do tempo e espaço, muitas vezes se penitenciando, mas com o coração repleto de gratidão.

## REFERÊNCIAS

- CARNEIRO, Edson. *Candomblé da Bahia*. Rio de Janeiro: Andes, 1977.
- CORDEIRO, Maria Paula Jacinto. *Entre chegadas e partidas: dinâmicas das romarias em Juazeiro do Norte*. 2010. 242 f. Tese (Doutorado em Sociologia) — Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.
- HOORNAERT, Eduardo. *Formação do catolicismo brasileiro: 1550–1800*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.
- HOORNAERT, Eduardo. *O Cristianismo Moreno no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1991.
- LIRA NETO. *Padre Cícero: poder, fé e guerra no sertão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- MACEDO, Emiliano Urzer. Religiosidade Brasileira Colonial: um retrato sincrético. *Ágora*, Vitória, n. 7, 2008, p. 1-20. Disponível em: <https://doceru.com/doc/e8sve08>. Acesso em: 15/10/2025.
- SANTOS, João Everton da Cruz. A estirpe de conselheiros do catolicismo popular sertanejo do Nordeste brasileiro. *Plura*, v. 4, n. 2, p. 182-200 Disponível em: <https://revistaplura.emnuvens.com.br/plura/article/view/1836/1495>. Acesso em: 17/10/2025.